



Nomes: Magnólia, Ícaro e Olavo

CMV – Ceilândia

Atividade de Campo: Paulo Bertran

O Centro de Memória Viva de Ceilândia pode ser entendido como um importante dispositivo de salvaguarda das histórias de vida e das experiências das populações que construíram e continuam construindo o território. O projeto tem como objetivo preservar a memória da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Distrito Federal por meio da coleta e organização de documentos, fotografias, audiovisuais e histórias orais. Dessa forma, o CMV não funciona apenas como um espaço para guardar documentos antigos, mas como um acervo que permite compreender as experiências de diferentes gerações e reconhecer a importância de sujeitos que muitas vezes não aparecem nas narrativas históricas oficiais.

Essa proposta pode ser relacionada ao trabalho de Paulo Bertran, principalmente pela forma como o autor utiliza diferentes fontes para reconstruir a história do território. No Capítulo XI, por exemplo, Bertran apresenta o trabalho de Joseph de Mello Álvares, que pesquisava documentos como registros de igrejas, testamentos, inventários e documentos administrativos, mas também recorria à história oral, consultando pessoas idosas que preservavam tradições e memórias do passado. Essas memórias eram comparadas com os documentos disponíveis, mostrando que a história de um território pode ser construída a partir da combinação entre diferentes tipos de fontes. Essa perspectiva se aproxima diretamente da proposta do CMV, que também valoriza a história oral e outros registros produzidos pelos próprios sujeitos.

Outro aspecto importante em Bertran é a compreensão do território como algo que foi sendo construído e transformado ao longo do tempo. No primeiro capítulo, o autor mostra que a paisagem do Distrito Federal não é estática e que ela foi modificada tanto pelos processos naturais quanto pela ação humana. Ele também chama atenção para a presença humana no Planalto Central muito antes da formação de Brasília. Pensar o CMV a partir dessa perspectiva significa entender que Ceilândia também possui uma história formada por diferentes gerações, experiências e processos de ocupação. As memórias dos estudantes da EJA, dos moradores, dos trabalhadores e dos movimentos sociais ajudam a registrar justamente essas transformações do território.

O Capítulo XVI também apresenta uma relação importante com essa proposta. Bertran utiliza documentos antigos, como registros de impostos e de propriedades rurais, para compreender a ocupação e a produção do território. O livro de registros de dízimos de Santa Luzia de 1810, por exemplo, permitiu ao autor conhecer diferentes propriedades



e atividades existentes na região. Em outro momento, Bertran identifica pequenos sítios na região que corresponde aos fundos de Ceilândia e Samambaia, mostrando que o território atual possui uma história anterior à configuração que conhecemos hoje. Assim, documentos aparentemente simples podem ajudar a revelar como as pessoas ocupavam, trabalhavam e transformavam determinado espaço.

Essa relação também é importante quando pensamos na classe trabalhadora. A história de um território não é feita somente por grandes autoridades ou personagens conhecidos. Bertran apresenta também agricultores, roceiros, escravizados, tropeiros e outras pessoas que participaram da produção e da ocupação do território. Ao registrar as condições de vida e de trabalho dessas populações, seus documentos permitem perceber relações de desigualdade e as formas como diferentes grupos participaram da construção da sociedade. No caso do CMV de Ceilândia, preservar as histórias da EJA, dos trabalhadores e dos movimentos sociais também significa reconhecer esses sujeitos como produtores de conhecimento e como parte fundamental da história do território.

Por isso, o CMV pode ser entendido como um acervo ativo e não apenas como um arquivo de lembranças do passado. Ao organizar documentos e histórias de vida, ele possibilita que a memória coletiva seja utilizada para compreender o presente e pensar as disputas e necessidades do território. As experiências registradas podem contribuir para que novas gerações conheçam a história de Ceilândia e reconheçam a participação dos trabalhadores, estudantes, movimentos sociais e demais moradores na construção da cidade. Nesse sentido, a memória deixa de ser apenas uma recordação e passa a ser uma forma de preservar identidades, dar visibilidade a sujeitos historicamente pouco representados e fortalecer as lutas territoriais da classe trabalhadora.

Dessa maneira, a proposta do Centro de Memória Viva se aproxima da perspectiva apresentada por Paulo Bertran porque ambos valorizam a preservação das diferentes fontes que permitem reconstruir a história de um território. Se Bertran recorre a documentos, registros e relatos orais para compreender as populações que viveram e trabalharam no Planalto Central, o CMV realiza um movimento semelhante ao preservar as experiências das gerações atuais e passadas. Em Ceilândia, portanto, guardar essas memórias significa também preservar a história de como a cidade foi construída por seus próprios sujeitos e garantir que essas experiências continuem disponíveis para compreender o território e suas transformações no presente.